

UM EVANGELHO DE ESPERANÇA

UM EVANGELHO DE ESPERANÇA



WALTER BRUEGGEMANN

compilado por Richard Floyd

Traduzido por Susana Klassen



mundo**cristão**

Copyright © 2018 por Walter Brueggemann
Publicado originalmente por Westminster John Knox
Press, Louisville, Kentucky, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da
Nova Versão Transformadora (NVT), da Editora Mundo
Cristão (com permissão da Tyndale House Publishers,
Inc.), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei
9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou
parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos,
mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia
autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B914e

Brueggemann, Walter
Um evangelho de esperança / Walter Brueggemann ;
compilado por Richard Floyd ; tradução Susana Klassen. -
1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2020.
176 p. ; 21 cm.

Tradução de: A gospel of hope
ISBN 978-65-86027-02-0

1. Vida cristã. 2. Fé. 3. Esperança - Aspectos religiosos -
Cristianismo. I. Floyd, Richard. II. Klassen, Susana. III. Título.

20-64062

CDD: 234.25
CDU: 27-423.79

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: julho de 2020

Edição
Daniel Faria
Revisão
Natália Custódio
Produção e diagramação
Felipe Marques
Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Capa
Jonatas Belan
Fotos de capa
Raphael Renter, Diego PH,
Kenrick Mills, Andrej Lisakov,
Szabo Viktor, Jacob Bentzinger
e Joshua Bartell (Unsplash);
Igor Alecsander (iStock).

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
1. Fartura e generosidade	13
2. Mundos alternativos	25
3. Ansiedade e liberdade	39
4. Fidelidade de Deus e nossa	53
5. Jesus	65
6. Justiça	74
7. Identidade evangélica	87
8. Amor ao próximo	103
9. Novidade e esperança	113
10. Testemunho público e responsabilidade	133
11. Rendição	145
12. Práticas fiéis	160

Prefácio

Há certa audácia em reunir nossas palavras de tempos idos e reapresentá-las. Ao reler minhas palavras de outrora, parece-me que há certa audácia em seu primeiro pronunciamento. Nelas, disse coisas muito além de minha compreensão. Mas, então, ocorre-me que minhas palavras (e meu ministério) fazem parte de uma longa cadeia de audácia que, por sua vez, é radicada na audácia dos próprios testemunhos bíblicos. (Tenho em mente um paralelo com a obra *Rumors of Rain: A Novel of Corruption and Redemption*, de André Brink.) É assombroso refletir como foi quando Moisés (ou “J”), ou Amós, ou “Jó”, ou Paulo, ou Marcos teve a oportunidade de se expressar pela primeira vez. Em seus pronunciamentos, geraram mundos que não existiam antes de essas palavras serem articuladas. Suas declarações foram verdadeiramente criadas como “coisas novas do nada” (Rm 4.17). Como diz o hino “Irrompeu o amanhecer”, tudo “brota da palavra”.^{*} E é por isso que nos pronunciamos uma vez, e continuamos a nos pronunciar e a nos repetir e a ficar atentos para novas expressões.

* Referência à chamada fonte J, de “Javista”, que, segundo a Hipótese Documentária (uma teoria que procura traçar as origens literárias das escrituras hebraicas), teria sido uma das principais fontes usadas na composição do Pentateuco. (N. da T.)

** No original, “fresh from the world”, trecho do hino “Morning Has Broken”, de Eleanor Farjeon (1888–1965). (N. da T.)

Sem esses pronunciamentos e suas repetições, nossa vida regride ao que é seguro, convencional e rotineiro. É intenção desses ousados agentes de pronunciamentos, a cada enunciado, despertar-nos de nossos “cochilos dogmáticos” e da tentação de reduzirmos nossa fé a um narcótico privatizado.

Quando acompanhamos esses pronunciamentos de volta no tempo, chegamos à declaração generativa de Deus, que a cada vez é um ato que gera e transforma o mundo. Imagine como foi esse Deus santo dizer:

Haja luz!

Deixe meu povo sair!

Quero ver uma grande inundação de justiça!

Este é meu Filho amado!

Amem uns aos outros!

Não tema, eu o chamei pelo nome!

Cada uma dessas declarações merece um ponto de exclamação!

Por certo, são apenas pronunciamentos, até mesmo aqueles que vêm de Deus. Ao ouvi-los, porém, descobrimos neles, ao longo do tempo, uma realidade transformadora que sempre ultrapassa nossa capacidade de explicá-los ou de controlar os futuros que eles criam. Por isso, fico feliz de constituir uma parte minúscula dessa cadeia de audácia em que nós, o povo da fé, nos encontramos, essa cadeia que nos dá uma certeza que excede todo entendimento humano e uma ordem que nos deixa, na melhor das hipóteses, na condição de estranhos desajustados e inquietos no mundo. Em retrospectiva, minha tímida audácia é um convite para que a igreja e seus pastores se maravilhem e interajam com

essa longa cadeia de palavras que nos convoca a voluntário e obediente risco. Essa convocação é urgente nos dias de hoje, porque fica evidente que nossa sociedade se perdeu em um frenesi de alienação e ansiedade e porque, como afirma o hino “Deus de graça e Deus de glória”, os velhos e conhecidos modos de fé não são adequados “para vivenciar estes dias”.*

Ao reler minhas palavras, minha atenção se voltou para dois textos líricos bem conhecidos do Novo Testamento. O primeiro é a magnífica doxologia de Paulo em Efésios:

Toda a glória seja a Deus que, por seu grandioso poder que atua em nós, é capaz de realizar infinitamente mais do que poderíamos pedir ou imaginar. A ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus por todas as gerações, para todo o sempre! Amém.

Efésios 3.20-21

O apóstolo sabe que o poder de Deus é eficazmente ativo na vida do mundo, uma ação farta e eficaz. O contraponto humano da fartura eficaz divina é “pedir ou imaginar”. Esse não é um desencorajamento ou um limite para aquilo que pedimos a Deus ou imaginamos a respeito de Deus. Antes, o que proponho é um convite para que nossos pedidos e nossa imaginação a respeito de Deus sejam extravagantes. O texto declara que não devemos moderar nossos pedidos nem nossa imaginação, mas reconhecer que são inadequados. Deus ainda nos surpreende com mais coisas e com coisas melhores. Nos meios progressistas, não é de bom tom imaginar que Deus pode agir “com fartura”. Em decorrência

* No original, “the living of these days”, trecho do hino “God of Grace and God of Glory”, de Harry Emerson Fosdick (1878–1969). (N. da T.)

disso, suplicamos a Deus apenas anemicamente, pois não confiamos muito na ação divina. Nos meios conservadores, não é de bom tom pedir ou imaginar a bondade de Deus além de um rígido cálculo de obediência.

Esse fato, contudo, apenas deixa claro que cristãos progressistas e conservadores estão todos juntos diante do mistério de Deus, que supera todos os nossos cálculos medíocres, sejam eles o racionalismo dos progressistas, sejam eles o moralismo dos conservadores.

O outro texto que me veio à mente é a famosa lista de Hebreus 11:

A fé mostra a realidade daquilo que esperamos; ela nos dá convicção de coisas que não vemos.

Hebreus 11.1

Na retórica desse texto, “fé” não é um pacote de certezas nem um mantra confiável. Antes, é dependência e confiança em um Deus que nos dá um futuro, que tem esperança para o futuro, e que cria, constantemente, um caminho onde não existe caminho nenhum. Nesse versículo, portanto, a fé se transforma prontamente em esperança para o futuro que será diferente do presente. O que vem a seguir no capítulo é um rol de esperançosos que recusaram o *status quo*, pois confiavam que Deus tem “algo melhor” para quem, corajosamente, é capaz de avançar. A esperança, em Hebreus 11, não é uma divagação da mente ou do coração; é um movimento do corpo, que o coloca em risco para experimentar uma nova possibilidade. Para Ta-Nehisi Coates (autor de *Entre o mundo e eu*), os brancos são algo como “ladrões de corpos” que desejam possuir e ocupar corpos negros. Para a maioria de nós, nosso corpo (e, portanto, nossa vida) é

cativo da domesticação segura. Aqui em Hebreus 11, porém, estão os nomes daqueles que arriscaram o corpo para experimentar o futuro. Essa lista é pertinente para nossos tempos perigosos, e nos perguntamos que nomes ainda serão acrescentados a ela.

Espero que estas minhas palavras proferidas novamente contribuam para a audácia de nosso falar e de nosso caminhar. Este tempo perigoso exige que pessoas de fé cresçam em consciência e coragem, a fim de subverter “por pensamento, palavra e ato” (*Livro de Oração Comum*) as ideologias correntes que desejam refrear e controlar nossas súplicas e nossa imaginação.

Sou grato a Richard Floyd por sua pronta energia e sua disciplina discernente para selecionar dentre minhas muitas palavras estas aqui presentes a fim de que voltem a ser pronunciadas. Ele entrou em minha mente o suficiente para saber o que mais desejo dizer, e entrou em minha retórica o suficiente para saber qual é o modo mais provável de eu dizê-lo. Ajudou-me a fazer minha contribuição para a cadeia de audácia em que temos a grata oportunidade de participar.

WALTER BRUEGGEMANN
Columbia Theological Seminary,
5 de julho de 2017

1

Fatura e generosidade

Convido-o a manter diante de si a seguinte pergunta: O que você busca? O que significaria nutrir-se do verdadeiro alimento da fidelidade pactual, recebê-lo e aceitá-lo, vivenciá-lo e ofertá-lo, ser transformado e desabituaado daquilo que apenas o torna mais faminto?



Quando não confiamos na fatura garantida, precisamos suprir as deficiências com nossos recursos limitados. Esforçamo-nos para sair de nossa percepção de escassez e ingressar na fatura que imaginamos ser capazes de suprir por nossa própria conta, o tempo todo freneticamente ansiosos com a possibilidade de que ficaremos aquém. Devido à nossa percepção de escassez fundamentada em desconfiança, é necessário consumir o tempo sagrado do Sábado para aumentar a produtividade.



Nós, os batizados, somos aqueles que se inscreveram para a história de fatura de Jesus. Somos aqueles que concluíram que essa é uma história verdadeira, e os quatro verbos magníficos — tomou, abençoou, partiu e entregou — constituem a história verdadeira de nossa vida. Por isso, reconhecemos que a escassez é uma mentira, uma história

repetida infundavelmente a fim de legitimar a injustiça na comunidade.

Em nosso batismo, declaramos que a velha história da escassez é falsa. E nos tornamos o povo e o lugar na cidade em que a fartura é praticada. Observamos que temos mais do que precisamos. Observamos que não precisamos guardar tanto para nós mesmos. Observamos que, ao compartilhar, recebemos mais. Observamos que, toda vez que nos comprometemos com a veracidade da fartura, nova energia, nova alegria e novo bem-estar brotam repentinamente em nosso meio.



O raciocínio da comodidade diz que você compartilha com seu próximo aquilo que pode. O raciocínio da aliança diz que, primeiro, você compartilha com seu próximo e, depois, você e ele vivem com aquilo que têm juntos.



Jesus veio para que tenhamos vida plena. As narrativas em que ele alimenta o povo dão testemunho de que a generosidade de Deus é garantida sempre que Jesus governa na terra, e contamos com essa generosidade. Isso significa que nossas práticas comuns de ganância, de busca por bens de consumo, de esforços frenéticos para adquirir mais coisas, são inapropriadas e desnecessárias. Nossa sociedade sempre anseia por mais: mais cirurgias plásticas, mais cosméticos, mais carros, mais cerveja, mais sexo, mais certeza, mais segurança, mais dinheiro, mais poder, mais petróleo... seja o que for.

Esse anseio por mais é sinal indubitável de que não confiamos na bondade de Deus para a provisão de todas as nossas necessidades; não confiamos que está em vigor o governo

generoso de Jesus que subiu ao poder. Mas nós, nós somos o povo de Jesus e, portanto, temos o compromisso de agir de forma diferente e recebemos poder para agir de forma diferente na vizinhança, na economia e, como cidadãos da última superpotência, de forma diferente no mundo.



Proponho que a raiz de nossa exaustão está na ansiedade que desconfia da fartura instituída por Deus e inserida na criação, e em consequência disso nós — como o Criador no sexto dia — temos o espírito completamente esgotado. Ao contrário do Criador, porém, não separamos o sétimo dia para repouso, pois, ao contrário do Criador, estamos tão ansiosos que não conseguimos descansar. E ele diz: “Venham a mim todos vocês que estão cansados”. A verdadeira natureza de criatura, como dos pássaros e dos lírios, confia na fartura do Pai. Imaginamos, contudo, que em nossa inteligência e sabedoria nós temos mais conhecimento. Desgastamo-nos no exercício fútil de tentar tomar o lugar do Deus que garante a vida.



Quando estiver saciado, não esqueça. A saciedade causa amnésia. O conforto causa indiferença. A segurança nos torna impassíveis.



Há rebanhos, manadas e peixes em quantidade suficiente, pois esse é o Deus criador, aquele que concede dádivas continuamente. Os profetas são aqueles que se queixam de seu

trabalho, ameaçam pedir as contas e encaram Deus quando ele está enfurecido. O chamado, porém, é para fiar-se na suficiência em um mundo de temerosa ansiedade. O povo ao redor de Moisés se cansou do que tinha. Murmurou. Queixou-se da falta de peixes, pepinos, melões, alhos e cebolas. Em sua escassez, tornou-se irrequieto e irritável e romantizou o passado, pois é isso que a escassez faz. Produz cobiça, ansiedade e, muitas vezes, violência. Resulta em orçamentos egoístas e em privatização. Produz violência e mesquinha-ria, avareza e antissociabilidade, agressividade no trânsito e hostilidade contra os pobres.

E, bem no meio disso tudo, Deus levanta profetas que fazem as perguntas certas e sabem a resposta fiel: suficiente!

Graça suficiente para incluir todos!

Sociabilidade suficiente para restaurar a segurança e a dignidade!

Recursos suficientes para dividir com as viúvas, os órfãos e os imigrantes!

Podadeiras e arados suficientes para que não precisemos nos armar com espadas e lanças.

O suficiente para que não precisemos scandalizar os pobres com nosso egoísmo.

O suficiente para que não precisemos viver com rancor, ressentimento e medo, como se estivéssemos sob ameaça.

Pão partido suficiente e vinho derramado suficiente para demonstrar dádivas e dar graças.



Existimos graças à generosidade inescrutável de Deus em nossa criação, uma generosidade tão rica que não precisamos ser gananciosos nem autossuficientes, pois dádivas

estão a todo tempo sendo concedidas. Essa história tem sua esperança e seu ápice na promessa de que Deus colocará todas as coisas em ordem, e de que é nosso destino ter comunhão pacífica com Deus e com nosso próximo na presente era e na era por vir. E, entre o início em generosidade e o ápice em comunhão, nossa existência deve ser de grata e obediente resposta ao propósito de Deus para nossa vida.



Agora, quero que você pense no que acontece quando esquecemos, o que acontece quando abrimos mão da história e imaginamos que somos sofisticados demais, quando praticamos a amnésia. Eu lhe digo o que acontece. Abrimos mão da maravilha da fartura. Desconsideramos o milagre de generosidade de Deus. Começamos a imaginar que há escassez de alimento, de amor, de vida.

E, impelidos pela escassez, esforçamo-nos para conseguir o que é nosso, e para ter cada vez mais, pisoteando e esmagando nosso próximo, passando por cima dele. A economia ocidental é radicada na ideia de escassez e, portanto, vamos à luta. Os pobres se viram com roubo, violência e ameaça. Os poderosos se viram com investimentos, incentivos fiscais, crédito e exploração. E, juntos, ricos e pobres criam uma selva de ansiedade, brutalidade e violência. É isso que o esquecimento produz. E o que se aplica à nossa cultura se aplica de modo mais próximo à família que opera como se o amor fosse um jogo de soma zero.

Mas nós lembramos. E, por isso, sabemos que a vida e a economia impelidas pela escassez são uma fraude. Lembra-mo-nos de nos desvencilhar da fraude da escassez. Lembra-mo-nos do evangelho de que há suficiente, o alimento é

concedido, Deus é generoso. A tarefa de lembrar consiste em nos desvencilhar das amarras da escassez que nos escraviza.



É estranho falar de autodisciplina em uma cultura terapêutica de autogratificação e consumismo ilimitado que se encontra numa farra interminável de satisfação pessoal. A novidade é que há uma alternativa para isso tudo; é radicada no evangelho. Os cristãos que levam Jesus a sério sempre foram convidados ao caminho mais excelente de dizer “sim” intencionalmente e dizer “não” intencionalmente no que diz respeito a tempo e dinheiro, ao modo de falar, ao próximo, à sexualidade, à caridade, à hospitalidade, a todas as coisas que nos tornam humanos. Imagine uma igreja que tem tanta clareza a respeito de seu chamado, tanta certeza de sua identidade no mundo que não é tolerante, nem frouxa, nem desleixada quanto a sua identidade ou seu mandato.



Imagine um grupo de pessoas que já não se reúnem para cantar e dançar e se lembrar da fidelidade. Nesse mundo, a memória se perdeu e a amnésia tomou conta, esquecimento que pressupõe que somos os mais importantes e os únicos, que ninguém veio antes de nós e ninguém virá depois de nós; há somente nós, livres para esgotar toda a criação (e seu petróleo!) à nossa maneira extravagante. Moisés, evidentemente, entende bem essa questão; sabe que a riqueza produz amnésia e a perda de uma recordação que nos fundamente:

Quando ficarem satisfeitos e forem prósperos, quando tiverem construído belas casas onde morar, e quando seus

rebanhos tiverem se tornado numerosos e sua prata e seu ouro tiverem se multiplicado junto com todos os seus bens, tenham cuidado! Não se tornem orgulhosos e não se esqueçam do SENHOR, seu Deus, que os libertou da escravidão na terra do Egito. [...] Fez tudo isso para que vocês jamais viessem a pensar: “Conquistei toda esta riqueza com minha própria força e capacidade”. Lembrem-se do SENHOR, seu Deus. É ele que lhes dá força para serem bem-sucedidos, a fim de confirmar a aliança solene que fez com seus antepassados, como hoje se vê.

Deuteronômio 8.12-14,17-18



O ato perene de amor é a generosidade. O mundo nos ensina a ser egoístas e mesquinhos e a cuidar de nossos interesses. O amor conforme o evangelho, porém, é fundamentado na convicção de que tudo o que temos é dádiva do Deus que foi generoso para conosco, e somos convidados a praticar a generosidade junto com o Deus do evangelho. Em nossa relativa riqueza, pensamos que não somos assim tão ricos. Na verdade, porém, quando o amor está operando, precisamos de muito pouco, de muito menos do que imaginávamos. E então temos liberdade, tanta liberdade quanto Jesus teve, de passar essas dádivas adiante.



Jesus tem um antídoto para a ansiedade. O antídoto é a fartura, a efusão de generosidade do Deus criador, a dádiva que continua a dar. Esse é o antídoto para a ansiedade! É o reconhecimento do Deus criador. O mundo não é entregue à própria sorte. Não é deixado à mercê de seus

recursos limitados. O mercado não é um agente autônomo no mundo. Há o Deus Pai que excede todo o poder da ansiedade e inunda com fartura.



Suponho que você seja parecido comigo. É puxado em duas direções, ou perseguido por duas versões distintas de sua vida. Uma história que compete por nossa lealdade é a história do dinheiro, contada e vivida no mundo moderno. Essa é a história da autossuficiência, do trabalho árduo, da competência, do mérito, da segurança em nossos termos. O sinal dessa história é mais: mais bens, mais influência, mais bebidas alcoólicas, mais ações na bolsa de valores, mais poder, mais artigos publicados, mais tênis de corrida, mais dependência química, mais viagens para a Europa, mais ganho de capital, ou seja lá o que for. De acordo com essa história, não importa o quanto alguém junte, ainda não é o suficiente para a felicidade e a segurança. Juntar mais, porém, nos deixará felizes e seguros.

Suponho que você seja como eu e saiba do poder de atração dessa história e, pelo menos ocasionalmente, seja seduzido por ela.

No entanto, conhecemos e levamos a sério um relato bem diferente de nossa vida; somos perseguidos por esse outro relato, atraídos a ele, e, num dia bom, temos a intenção de firmar nossa vida nessa outra versão da realidade. Essa é a história do evangelho. É uma narrativa da generosidade de Deus, visível para nós no mistério da criação de Deus, que conhecemos de modo crucial no amor de Deus em Jesus de Nazaré e na qual confiamos porque a experimentamos de maneiras profundamente pessoais e concretas em nossa vida.